

A CIDADE DE CUNHA NO MAPA DA REVOLTA DE 1924
A CONFIRMAÇÃO DE UM CONTO POPULAR

Décio Ferraz da Silva Júnior

***Resumo:** A Revolta de 1924. Militares em luta pelo poder. O bombardeio da cidade de São Paulo. O uso de aviões no palco de guerra. O plano de assassinato do Presidente da República. A queda da aeronave na cidade de Cunha.*

***Abstract:** The Revolt of 1924. Soldiers struggling for power. The São Paulo bombing. The use of airplanes in the war scene. The plan for assassinating the President. The aircraft crash in the city of Cunha.*

Em 5 de Julho de 1924 explodia em São Paulo o movimento armado contra o governo do Presidente Artur Bernardes, que decretara naquele mesmo ano intervenção federal nos estados e municípios, concentrando ainda mais poderes nas mãos do governo central, o que vinha ocorrendo desde sua posse em 1922, nas sucessivas prorrogações do estado sítio.

Pensada anos antes, a revolta teve como ponto de partida as ações perpetradas pelos oficiais do exército instalados na capital da república que culminaram no levante do Forte de Copacabana, evento que resultou na morte de dezesseis revoltosos e dois oficiais sobreviventes feridos, que anos mais tarde se tornariam importantes personagens no palco das ações militares na cidade de São Paulo.

No raiar do fatídico ano, o General Isidoro Dias Lopes, apoiado por Nilo Peçanha, candidato derrotado na campanha de 1921, retoma as articulações com os demais oficiais descontentes, opondo-se às ações do General Setembrino de Carvalho, então nomeado, em novembro de 1922, Ministro da Guerra pelo presidente empossado Artur Bernardes, com a dupla missão de apaziguar os ânimos entre os militares, depois dos eventos de julho, e pôr fim às hostilidades entre os correligionários de Borges de Medeiros e de Assis Brasil, ainda latentes após as eleições no Rio Grande do Sul.

Mas essas vitórias políticas de Artur Bernardes e a suspensão do estado de sítio em dezembro de 1923 não foram suficientes para mudar os rumos dos

acontecimentos. A revolta estava a caminho e seus artífices conspirando em diversos pontos do território. O Tenente Joaquim Távora, por exemplo, então vivendo na clandestinidade, se junta ao General Isidoro Dias Lopes a fim de conjugar esforços para as próximas ações. Já instalado na capital paulista¹, forma grupo de oficiais revoltosos do Exército, entre eles o irmão Juarez Távora, o Capitão Newton Estillac Leal e João Francisco Pereira de Souza², para o planejamento da tomada dos principais pontos estratégicos, angariando para isso a participação do Comandante do Regimento de Cavalaria da Força Pública Paulista, o Major Miguel Costa, que depois formaria a Coluna Miguel Costa-Prestes. Além deles, participa o futuro aviador, então oficial de artilharia, Tenente Eduardo Gomes, o segundo sobrevivente do evento de 1922, aquele que executará, antes do fim da revolta, a missão fracassada de pôr fim ao governo de Artur Bernardes.

Plano elaborado e data prorrogada por diversas vezes, antes mesmo do galo cantar na madrugada do dia escolhido, a revolta é deflagrada com a tomada do primeiro baluarte governista na zona norte de São Paulo, seguido do Regimento de Cavalaria da Força Pública, em uma ação comandada por Miguel Costa. Minuto a minuto as ações se sucedem, mas a falta de comunicação eficiente dos revoltosos permite a contraofensiva legalista na mesma velocidade e vários postos são retomados, alguns sem um tiro sequer. A cidade torna-se, então, praça de guerra e os confrontos se desenrolam, alternando-se vitórias e derrotas até o dia 10 de julho, quando novas tropas legalistas chegam à São Paulo.

A partir de então a cidade passa a viver seu momento mais trágico em toda a sua história. Artur Bernardes não pretendia negociar. Muito pelo contrário, sua convicção era de que os revoltosos tinham a inteligência dos oficiais do exército, a disciplina e armamento da Força Pública Paulista, verdadeira milícia paramilitar que em certa medida rivalizava com o poder do próprio exército nacional. A luta corpo a corpo pelas ruas da cidade seria demorada e desgastante demais para as pretensões do governo. Assim, apoiado por seu Ministro da Guerra, o algoz toma a decisão de bombardear fortemente a cidade, com apoio da aviação militar. São Paulo experimenta aquilo que se convencionou chamar na época, usando o jargão militar, de “bombardeio terrificante”, que tinha como estratégia massacrar a população civil a ponto de impedir qualquer apoio aos revoltosos e, ao mesmo tempo, fustigar a consciência dos líderes sobre os danos colaterais sofridos pelo povo em decorrência das suas próprias decisões no palco de guerra. E assim foi feito.

Contando com a posição estratégica da estação final da Estrada de Ferro Central do Brasil no bairro da Mooca, o exército legalista, abastecido pelos

¹ Joaquim Távora falecerá antes do fim de junho na contraofensiva para retomar o 5º Batalhão no bairro da Vila Mariana, entre as ruas do Paraíso e Maestro Cardim.

² Miguel Costa, In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel_Costa.

armamentos trazidos do Rio de Janeiro e comandado pelo General Eduardo Sócrates, posicionou seus canhões no alto da Penha e Vila Matilde em direção aos bairros mais pobres da cidade: Cambuci, Aclimação, Brás e Mooca, bombardeando indiscriminadamente fábricas, pontos comerciais e residências. A cada imóvel destruído mortos e feridos se multiplicavam por toda parte e não demorou muito para o sistema de abastecimento colapsar. Fome e frio passaram a fazer parte do dia a dia da classe operária, enquanto os moradores mais abastados abandonavam a cidade para o interior do estado.

Em igual passo, na frente sul, as tropas desembarcadas no Porto de Santos avançam conquistando posições importantes no Paraíso e Vila Mariana, que também entram na mira da artilharia dos canhões de longa distância. No dia 14 os legalistas tomam o 5.º Batalhão da Força Pública no bairro do Paraíso obrigando os revoltosos a executarem uma nova ação para retomar a posição no dia seguinte, o que surtiu o efeito desejado, mas a um preço alto demais para o estado de espírito dos líderes revoltosos: a perda do Tenente Joaquim Távora, provavelmente o mais destemido e aguerrido combatente entre eles, alvejado na esquina das ruas Paraíso e Maestro Cardim, que para Moacir Assunção “*teria sido consequência de uma traição dos militares legalistas, que simularam uma rendição para abatê-lo*”³.

Tudo seguia de mal a pior. A linha defensiva da Mooca e do Ipiranga tinha sido rompida pela infantaria legalista com o apoio dos bombardeios terrestres e aéreos, e a Igreja do Cambuci retomada pelos legalistas. As barricadas no centro da cidade se viam na péssima situação de enfrentar o inimigo mais reforçado por novos contingentes. Naquele momento as lideranças dos revoltosos já preparavam a retirada, pois as sucessivas tentativas de acordo e armistício não evoluíam. Só restava então ações extremadas e duas delas foram postas efetivamente em ação. Uma, por via terrestre, visava as posições do alto comando das forças governistas na zona leste da cidade ao utilizar a linha férrea Sorocabana, que ainda estava sob o controle dos revoltosos, para explodir na Penha um trem carregado com dinamite; a outra, de tão arrojada, poria fim à revolta ao pretender explodir uma bomba no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, matando o Presidente Artur Bernardes, forçando as lideranças militares legalistas ao armistício até então rechaçado, diante das enormes vantagens numéricas de suas posições na cidade de São Paulo.

Mas nada deu certo. A primeira ação fracassara pela intervenção do operador de linha, Aquilino Vidal, fazendo tombar e explodir a composição nas imediações da Quarta Parada, longe das zonas residenciais. A segunda é aquela que contou com a participação do militar revoltoso já bastante conhecido pelo governo e que pôs a cidade de Cunha no mapa da revolta e fez surgir na localidade

³ Assunção, Moacir. São Paulo deve ser destruída – 1ª ed. – Rio de Janeiro. Record, 2015.

o mito do avião que caiu do céu⁴.

Não por acaso, talvez por sentir o impacto da morte de Joaquim Távora e as dificuldades crescentes, o Tenente Eduardo Gomes forma a partir do dia 14 de julho grupo de sete revoltosos preparados para realizar operações aéreas no palco de guerra, concentradas nas atividades de reconhecimento das posições das tropas legalistas em São Paulo, Santos e Sorocaba, e nas ações de distribuição de panfletos e boletins revolucionários.

Formado com a participação de membros da sociedade paulista: militares, civis, e estrangeiros que lutaram na primeira guerra mundial, destacava-se entre eles o tenente da força pública, Antônio Reynaldo Gonçalves⁵, que atuou fortemente para angariar aeronaves e equipamentos que possibilitaram a realização das operações planejadas, quase sempre acompanhado da aviadora civil, Anésia Pinheiro Machado⁶, importante personagem na tomada da aeronave de Thereza de Marzo⁷, aquela mesma equipada com peças sobressalentes, mas que caiu em Cunha antes de completar a missão. Fritz Roesler, aviador alemão, que a exemplo de Carlos Herdler⁸, atuava mediante pagamento. Os pilotos italianos Lúcio Gordines, vulgo Giordano, o primeiro a se retirar das operações por ter capotado uma aeronave no Campo de Marte, e Alberto Comelli.

Nada mais a perder, Eduardo Gomes convoca o piloto alemão Carlos Herdler para a missão derradeira de voar com a aeronave Curtis Oriole até a capital federal, repetindo a façanha de Anésia Pinheiro Machado de 5 de setembro de 1922. Partem na manhã de inverno de 24 de julho, quando nos altiplanos da serra de Cunha o frio e a geada grassavam e a vida cotidiana seguia sem grandes novidades. Assim estava aquela manhã no bairro da Catioca. A vida sendo a vida.

⁴ Os detalhes dessa ação são detalhados no processo criminal 1009/1927, da 1ª Vara da Justiça Federal de São Paulo, encabeçada pelo General Isidoro Dias Lopes. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP. In: http://atom.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/r/sao-paulo-estado-arquivo-publico-do-estado-de-sao-paulo-apesp/1/0/b/10b60a2b0c21c944de51577f39f4921ae587dadd481c37a18d372ad909ba3fda/BR_SPAPESP_TRIBJUSP_PREV1924_V021.pdf

⁵ Antônio Reynaldo Gonçalves, solteiro, 32 anos, filho de Manoel Gonçalves e Maria Gonçalves.

⁶ Anésia Pinheiro Machado, solteira, 20 anos, filha de Gustavo Gomes Pinheiro Machado e Aurélia Cândida Vasconcelos Pinheiro Machado. Segunda piloto brasileira, aluna de Fritz Roesler - vide https://pt.wikipedia.org/wiki/An%C3%A9sia_Pinheiro_Machado

⁷ Thereza de Marzo, solteira, 21 anos, filha de Alfonso Di Marzo e Maria Liparulo. Primeira piloto brasileira, casada com seu instrutor Fritz Roesler – vide https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_Di_Marzo

⁸ Karl Herdler, casado, 40 anos, natural de Prossnitz, Morávia, atual República Checa, filho de Felipe Herdler, residente em São Bernardo do Campo.

Um dia como outro qualquer, exceto por um detalhe: o barulho estranho que ecoava de longe, que a cada minuto se ouvia mais. Era evidente que algo estava por acontecer. Foi assim que Benedito Martins de Souza⁹, vulgo Benedito Felix, presenciou de perto o fato, pois encontrava-se trabalhando, a mando do patrão, em sua lavoura na várzea da Catioca, local onde tudo se deu, conforme seu relato às autoridades locais: “*ouviu o ronco do motor e viu o aeroplano fazer uma espécie de redemoinho vindo abaixo*”.

Enquanto isso, Júlio Pacetti¹⁰, o patrão, encontrando-se em sua fazenda, sentado à porta de casa, na primeira pausa do dia, viu chegar seu funcionário afirmando que lá na várzea da Catioca havia caído um aeroplano. Mesmo adoentado, como alegou mais tarde, tomou seu cavalo e, na companhia do funcionário, foi investigar o ocorrido. Porém, mesmo antes de chegar ao local indicado, topou com os aviadores na estrada vindos em sua direção. Interpelados sobre os acontecimentos, alegaram ter sofrido uma pane no aeroplano quando voavam a serviço do governo, o que lhes garantiu pelas credenciais declaradas visitar a casa do fazendeiro e desfrutar de sua receptividade. Bem alimentados, após trocarem informações sobre a retirada do local, partiram na calada da noite do mesmo dia. Mais tarde, Júlio Pacetti descreveria muito bem a dupla às autoridades policiais:

“que os aviadores um era brasileiro e outro de nacionalidade alemã; o brasileiro era moreno, alto, boa dentadura, olhos preto e aparentava ter 25 a 30 anos de idade, o seu companheiro, o alemão, gordo, de boa altura, com pouco bigode, cabeça saliente, cabelos loiros, e não falava, parecia não conhecer a nossa língua; que ambos tinham roupas, digo, tinha barba e bigodes raspados, ambos vestiam: o brasileiro vestia camisa escura e usava chapéu de feltro molle e de cor, collarinho molle e gravata escura; o alemão calça de fazenda ou casemira de lã felpuda, “tipo européia”, perneiras, e paletot de brim Kaki, collarinho em pé duro e gravata azul, usando bonet de casemira, Que encontrando o depoente os aviadores estes lhe disseram que tinham descido por falta dagua no motor, que eram do governo, vinham do Rio e iam para S. Paulo a serviço, mais (sic) que infelizmente tinha acontecido aquelle desastre, que em visto disto pediam

⁹ Benedito Martins de Souza, natural de cunha, casado, lavrador, com quarenta e três anos de idade.

¹⁰ Júlio Pacetti comerciante e inspetor de quarteirão, natural da Itália, falecido na cidade do Rio de Janeiro, na data de 5-DEZ-1946, foi casado com Constância Margarida Pacetti (ou Constância Marino Pacetti), falecida em Cunha, SP, em 1-MAIO-1947, natural de Maratea, Itália, filha de Salvador Marino (nat. de Maratea) e Helena Margarida Marino (nat. de Maratea). Inventário CX 117/1947 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

lhe 2 animais para condução que foi satisfeito pelo depoente, independente de remuneração; que trazendo os aviadores para sua casa lhe servir (sic) um jantar; que o aviador escreveu em um papel seu nome e a residência no Rio, dizendo chamar-se Eugenio de Oliveira, engenheiro e socio do Aero Club Brasileiro, morador na Rua Haddock Lobo cento e noventa e um, Rio de Janeiro; [...]; que logo apoz a refeição os aviadores se despediram e tomaram rumo da estrada do bairro Vermelho que vai sair em Guaratinguetá”¹¹.

O discurso dos forasteiros não passava de blefe e a mentira o instrumento de dissimulação. Mal sabia o italiano, Júlio Pacetti, que aquele que se identificara como agente do governo, rumando para São Paulo, era, na verdade, o revoltoso que partia em direção ao Rio de Janeiro com a missão de mudar os rumos da revolta, que àquela altura não oferecia alternativas senão ações desesperadas de solução final. O aviador Eugênio de Oliveira, que se apresentava como engenheiro e sócio do Aeroclube Brasileiro, escondia sua posição de tenente de artilharia, de nome Eduardo Gomes¹², e o estrangeiro, o mecânico aviador Carlos Herdler, ambos integrantes daquele pequeno grupo de sete participantes, formado para coordenar e executar as operações da pequena frota de aviões que caiu nas mãos dos revoltosos.

Retornando ao evento de Cunha, um dia após a queda ocorrida nas paragens da Catioca, a notícia chegou ao conhecimento do delegado da cidade, Dr. Walfrido Carneiro Albuquerque Maranhão, que acompanhado do escrivão Manuel Prudente de Toledo Sobrinho¹³, partiu para o local onde encontrou a aeronave parcialmente destruída, atolada no brejo da Catioca, cercada por diversos curiosos, mas sem a presença dos aviadores. Colhendo informações aqui e ali, houve por bem arrolar outras testemunhas para o inquérito, além das já citadas, todos moradores da região: José Vaz da Silva (vulgo José Venuto); Januário Giandola; Virgílio Alves da Rocha; Benedito Galvão de França¹⁴; Luiz Mesalino de Campos¹⁵; e João

¹¹ Processo criminal 1009/1927, da 1ª Vara da Justiça Federal de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP.

¹² Eduardo Gomes, integrante do grupo “Os Dezoito do Forte”, era nascido em Petrópolis no dia 20-SET-1896, filho de Luís Gomes Pereira Junior e de Jenny LeCocq de Oliveira. In: https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Gomes.

¹³ Manuel Prudente de Toledo Sobrinho, funcionário público, natural e fal. em Cunha, SP, aos sessenta e cinco anos de idade, em 12-NOV-1941, filho de José Carmino de Toledo e sua mulher Maria da Glória dos Reis ou Toledo, casado com Aurea Macedo de Toledo.

¹⁴ Benedito Galvão de França, natural e falecido na Cidade de Cunha, em 16-DEZ-1940, filho de João Benedito de França e Zarina Maria de Jesus, casado com Maria José Ferraz. Inventário CX 111/1941 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”.

¹⁵ Luiz Mesalino de Campos, filho de João José Mesalino de Campos e sua mulher Maria

Firmino dos Santos.

José Vaz da Silva¹⁶, ao prestar esclarecimentos da delegacia, revelou ter encontrado panfletos, que mais tarde foram avaliados na ordem de trinta mil boletins com as reivindicações¹⁷ dos revoltosos, e exemplares do jornal o Estado de S. Paulo, do dia 23 de julho de 1924, tudo entregue às autoridades policiais. As demais testemunhas pouco ou quase nada adicionaram aos fatos já conhecidos até então. Concluído o inquérito, o documento foi remetido para apreciação do delegado regional, que ciente da gravidade do evento deu ciência ao alto comando das forças legalistas. Não tardou, o Tenente aviador Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, partindo de Mogi das Cruzes, foi enviado para a cidade de Cunha de forma a avaliar os fatos. Chegando ao local, encontrou o aeroplano danificado pela aterrissagem malsucedida, em terreno alagado de difícil acesso. Nesse momento encontra dentro da aeronave uma bomba de aproximadamente três quilos de dinamite, planejada para ser arremessada sobre o Palácio do Catete¹⁸.

Pouco depois, contando com o ajuda da força policial disponível, comandada pelo delegado, o avião foi parcialmente desmontado e transportado por uma junta de bois até a cidade, operação que demandou dias por conta do péssimo estado das vias no bairro da Catioca, e posteriormente levado de caminhão para Guaratinguetá, quando foi entregue aos cuidados do delegado encarregado, Dr. Afonso Celso de Paula Lima¹⁹, que o manteve abrigado em depósito, local onde se deu o histórico registro fotográfico:

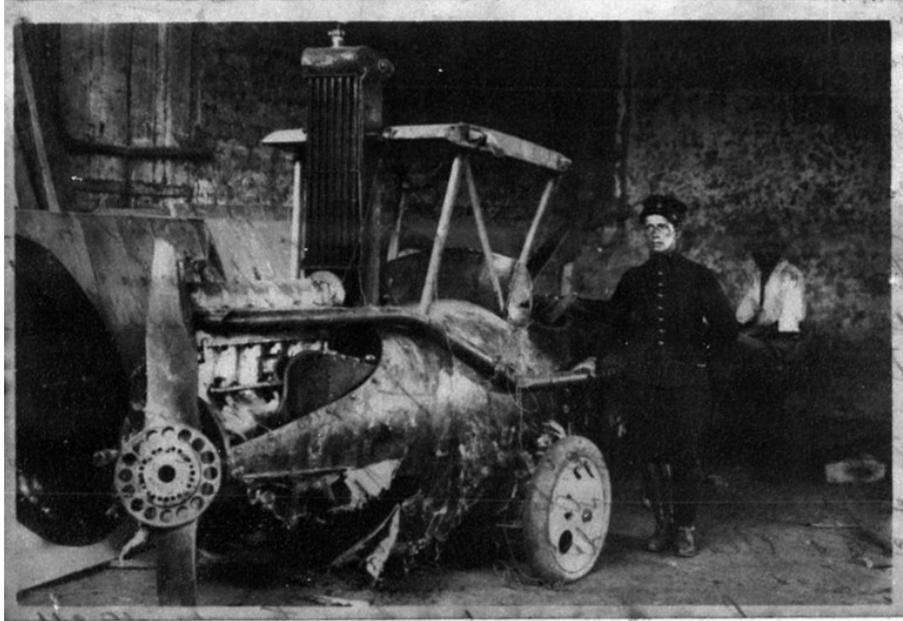
Luísa de Campos, casado com Emília Teixeira da Conceição, ela filha de José Antônio Teixeira e sua mulher Maria Luísa da Conceição. Inventário CX 101/1931 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁶ José Vaz da Silva, proprietário rural, natural e falecido na Cidade de Cunha, em 28-ABR-1932, filho de Benevenuto Vaz da Silva e Felisbina Maria de Jesus, casado com Rita Maria de Cassia, esta filha de José Tomás Monteiro e Cesarina Eufrásia de Campos. Inventário CX 102/1932 - Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. "Francisco Veloso".

¹⁷ O panfleto revolucionário continha nove reivindicações, mas de fato apenas duas representavam mudanças profundas na sociedade da época: 8ª Decretar o voto secreto; 9ª obrigatoriedade do ensino primário e profissional.

¹⁸ O Tenente Eduardo Gomes confessa o plano em seu depoimento à polícia - Processo criminal 1009/1927. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP.

¹⁹ Afonso Celso de Paula Lima, filho de Francisco de Paula Miranda Lima e Francisca de Paula Teixeira Leite, neto do Visconde de Ouro Preto e bisneto do Visconde de Uberaba.



Photographia do avião apprehendido
em Cunha no dia 24 de Julho
p. findo

(Foto extraída dos autos do Processo Criminal 1009/1927, da 1ª Vara da Justiça Federal de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo – APESP)

Já a dupla de revoltosos, evadidos na calada da noite, guiados pelo capataz Benedito Felix pelas trilhas escuras da região até a Serra da Quebra Cangalha, ambos conseguiram embarcar furtivamente a partir da cidade de Guaratinguetá, cada um seguindo seu caminho. Enquanto isso, em São Paulo, a batalha estava encerrada e o destino do conflito decidido a favor das tropas legalistas. O plano audaz, pensado não se sabe por quem, nascido no grupo de pilotos e mecânicos, não surtiu o resultado almejado, e para os derrotados restara apenas a fuga de trem pela linha sorocabana sentido a cidade de Bauru. Por sua vez, no Palácio do Catete, Artur Bernardes, mais forte do que nunca, brindava a vitória com seu Ministro da Guerra, que em breve colocaria toda a estrutura do estado a serviço da repressão e do controle político.

Mais que depressa, as peças do tabuleiro vão caindo uma a uma e a rede

de colaboracionistas identificada pelas autoridades civis e militares. Eduardo Gomes, por exemplo, que resolveu não se unir às tropas de Isidoro Dias Lopes, que partiram em retirada rumo ao interior do país, foi preso em Florianópolis quando tentava embarcar para o Rio Grande do Sul. Carlos Herdler, outro fugitivo, não conseguiu ao menos chegar em sua residência em São Bernardo do Campo, preso pelas autoridades em São Paulo. Anésia Pinheiro Machado, jovem piloto aderente à causa, proibida de voar por mais de dez anos. Outros, como Juarez Távora e João Cabanas, se juntaram aos demais revoltosos chegados do sul para formar a coluna Miguel Costa-Prestes. Isidoro Dias Lopes, general escolhido líder do movimento, partiu para o exílio na Argentina, só retornado ao Brasil com a ascensão de Getúlio Vargas, que buscando apoio dos militares fez anistiar²⁰ todos os revoltosos de 1924.

Mas os principais militares envolvidos nessa revolta não permaneceram por muito tempo distantes dos holofotes da vida política. Antes mesmo do fim da década de vinte estariam novamente conspirando no palco de outra revolta civil-militar, dessa vez para depor o presidente em exercício Washinton Luís e impedir a posse do candidato eleito Júlio Prestes, inaugurando um novo período controverso da história republicana. Enquanto isso, na longínqua e pacata cidade de Cunha, as lembranças da queda do avião a serviço dos revoltosos pouco a pouco caíam no esquecimento; porém, muito em breve, a cidade se tornaria um dos palcos de uma nova revolta, agora contra o governo ditatorial do Presidente Getúlio Vargas, pondo a localidade definitivamente no mapa da história de São Paulo.

²⁰ Essa prática política se repetiu por diversas vezes ao longo da Segunda República, mesmo após a Constituição de 1988.

FONTES DE PESQUISA

Arquivos Eclesiásticos:

Arquivo da Cúria Diocesana de Lorena – ACDL
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Arquivos Públicos e Privados:

Arquivo Público do Estado de São Paulo – DAESP
Arquivo do Centro de Cultura e Tradição de Cunha - Museu Mun. “Francisco Veloso”

Sítios na internet:

<http://arquivoestado.sp.gov.br>
<http://familysearch.org>
<https://www.wikipedia.org>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Moacir. São Paulo deve ser destruída – 1ª ed. – Rio de Janeiro. Record, 2015.